

UNIVERZITA PALACKÉHO V OLOMOUCI
FILOZOFICKÁ FAKULTA

Katedra romanistiky

À procura das moralidades em contos escolhidos do livro *A educação sentimental dos pássaros* de José Eduardo Agualusa

BAKALÁRSKA DIPLOMOVÁ PRÁCA

Romana Chovancová

Portugalská filológia
Akademický rok 2018 /2019

Vedúca práce:

PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.

Olomouc 2019

Čestné prehlásenie

Prehlasujem, že som túto bakalársku diplomovú prácu vypracovala samostatne pod odborným dohľadom vedúcej práce PhDr. Zuzany Burianovej, PhD. a uviedla som všetky použité zdroje.

V Olomouci, dňa

.....

Podpis

PodĎakovanie

Moja obrovská vĎaka patrí predovšetkým PhDr. Zuzane Burianovej Ph.D., za cenné rady, pripomienky, obrovskú pomoc a trpezlivosť pri vypracovaní tejto bakalárskej práce, a tak isto za jej hodiny literatúry, ktoré ma viedli k stále väčšiemu a väčšiemu záujmu o nielen portugalskú a brazílsku literatúru. Ďakujem taktiež ostatným vyučujúcim portugalskej sekcie, Mgr. Kateřine Ritterovej, PhD. a Mgr. Petre Svobodovej, PhD., ktoré ma sprevádzali celým štúdiom a boli mi nápomocné za každých okolností.

Moja vĎaka patrí tak isto aj rodine a priateľom, ktorí ma motivujú, podporujú a vždy mi dodávajú tu správnu energiu.

ÍNDICE

1. Introdução	5
2. Literatura angolana	7
2.1 Precusores da literatura angolana	7
2.2 O nascimento da literatura angolana moderna	9
3. José Eduardo Agualusa	11
3.1 A vida	11
3.2 A obra	12
4. Caraterísticas gerais da obra do autor	14
4.1 O estilo e a temática	14
4.2 As obras destacadas	15
5. <i>A educação sentimental dos pássaros</i>	18
6. Análise dos contos escolhidos	20
6.1 “Enquanto o fogo avança”	20
6.2 “Disse chamar-se Escuridão”	22
6.3 “Uma pessoa quase normal”	24
6.4 “Alá depois da Fátwa”	25
6.5 “Rio Negro”	27
6.6 “Filosofia de elevador”	28
6.7 “O quarto anjo”	30
6.8 “A última fronteira”	33
7. Conclusão	35
Resumo em eslovaco	36
Resumo em inglês	37
Bibliografia	38
Livros	38
Teses	38
Páginas web	39
Dicionários	40
Anotação em português	41
Abstract in English	42

1 Introdução

O meu primeiro contato com as literaturas africanas em geral foi na Universidade de Lisboa durante a minha estadia de Erasmus. Inscrevi-me numa disciplina intitulada “Literaturas Africanas de Língua Portuguesa” pelas recomendações da minha colega de classe, que já assistira a este curso. A professora da disciplina, com as aulas interessantes e as suas próprias experiências do mundo africano, atraiu toda a minha atenção, e assim foi como descobri este mundo, até aquele momento por mim desconhecido, e decidi escrever a minha tese de licenciatura sobre este tema.

Na minha tese dedico-me à literatura angolana, focalizando na obra contística do autor angolano contemporâneo José Eduardo Agualusa. Graças a sua obra extensa, ele tornou-se um dos autores da atualidade mais importantes e mais produtivos na literatura lusófona, e assim escrever sobre a sua obra é como bombear a água dum poço infinito. Agualusa já há muito tempo viaja pelo mundo e, por isso, a sua literatura é relacionada não apenas com a realidade de Angola, mas também do Brasil, de Portugal e outros países. Assim nunca vamos encontrar na sua obra uma história parecida, todas são bem diferentes e ocorrem em lugares variados.

O trabalho compõe-se de três partes. Na primeira parte dedico-me a um esboço da literatura angolana, desde a sua formação até à atualidade, para poder situar melhor a obra do autor no contexto histórico-literário do país. Na segunda parte apresento a figura de José Eduardo Agualusa: a sua vida e a obra, incluindo os seus maiores prémios literários, e depois esboço uma característica geral da sua produção literária. A terceira parte é a parte principal, apresenta o livro escolhido, *A educação sentimental dos pássaros* (2013).

No que se refere à literatura secundária, na primeira parte apoio-me sobretudo nos estudos sobre a literatura angolana de Pires Laranjeira, Manuel Ferreira e de Ana Mafalda Leite. Na parte dedicada à obra do autor uso algumas teses de mestrado ou doutoramento, como a de Maurício Silva, e vários textos jornalísticos, onde, frequentemente, estão reescritas as entrevistas com o próprio autor.

Sobre a obra do autor há muitos estudos e teses, que a abordam de diferentes pontos de vista. O livro mais analisado é, provavelmente, *O vendedor de passados* (2004), porque é um romance muito complexo, relacionado com a história e a identidade de Angola. O livro *A educação sentimental dos pássaros*, até agora, não tem sido analisado muito.

Eu escolhi este livro pela diversidade dos contos abrangidos. Em cada conto encontramos-nos em diferente espaço e com vários tipos de personagens em situações interessantes. Enquanto numas histórias situamo-nos no Céu, com os anjos, em outras estamos

na selva amazónica com um índio, ou num circo brasileiro com um engolidor de objetos. Os contos escolhidos passam pela minha análise com o propósito de aproximar ao leitor tcheco o estilo do autor e, também, de lhe mostrar alguns fragmentos do mundo lusófono, que muitas pessoas no nosso contexto da Europa Central desconhece.

2 Literatura angolana

2.1 Precusores da literatura angolana

No espaço angolano, durante séculos, existia uma literatura passada de geração em geração através de relatos orais. Os narradores eram portadores da literatura tradicional, que consistia de mitos, contos, poemas, lendas e histórias. Só a partir da segunda metade do século XIX, formaram-se certas condições para a manifestação do fenómeno literário escrito, principalmente causadas em 1886 pelo surgimento do periódico *O serão*, considerado como a obra literária que completou a falta da literatura entre a política e o comércio¹. A causa da colonização, a literatura angolana nasceu como extensão da literatura portuguesa e demorava um século para os escritores criarem uma literatura puramente angolana, que se desenvolvia sobretudo a partir de 1975, já no país independente. Em geral, a crítica distingue na história da literatura angolana quatro principais movimentos literários, que estavam todos centrados na cidade de Luanda².

Os dois primeiros movimentos eram exclusivamente formados por intelectuais negros e mestiços, habitualmente autodidatas, que se denominavam como “filhos do país”. Eles apresentavam uma especificidade notável: escreviam tanto na sua língua nativa, o quimbundo, como na língua dos colonizadores, o português. Este fenómeno foi classificado pelo poeta angolano Mário António como “bivalência cultural”³.

Em 1855, apareceram em Angola as primeiras folhas jornalísticas intituladas *A aurora*, que provocaram nos intelectuais um crescente interesse pela situação no país. Começaram a formar-se grupos de intelectuais, jornalistas e escritores que estavam cada vez maiores e, após algum tempo, em 1882, com o aparecimento do primeiro jornal propriamente africano chamado *O futuro de Angola*, surge o primeiro movimento literário. Era caracterizado, essencialmente, pelo esforço por desenvolver a imprensa africana – quase todos os seus membros dedicavam-se mais à atividade jornalística do que à própria ficção ou poesia. Apesar de sentirem a necessidade de criação duma literatura própria, apenas dois escritores decidiam dedicar-se à literatura. O primeiro foi Pedro Machado, que escreveu o romance *Scenas d’África* (1892), sobre o qual não temos quase nenhuma informação. O segundo autor foi Joaquim Dias Cordeiro da Matta, autor do volumoso livro de poemas chamado *Delírios* (1887) e dum

¹ Cf. Licínio Menezes de Assis, “Notas para uma história da literatura angolana”, *Geledés*, 2 de agosto 2011, disponível em: <https://www.geledes.org.br/notas-para-uma-historia-da-literatura-angolana/> (acesso 03.04.2019).

² Veja, p. ex., Carlos Ervedosa, *A literatura angolana*, Lisboa: Jornal SOL, 2015.

³ Apud idem, ibidem, p.8.

dicionário quimbundo-português. Segundo Carlos Ervedosa, Cordeiro de Matta pode ser considerado o primeiro grande escritor na literatura angolana, porque apesar de ser publicados só alguns de sus livros, muitos manuscritos dele andaram de mão em mão.⁴

O segundo grupo surgiu por volta de 1896. Apesar de se dedicar ainda à imprensa, tentava, lentamente, promover a criação da literatura. Os temas preferidos pelos escritores pertencentes nesta geração foram a liberdade, a justiça, a razão, a instrução, por causa das ideias republicanas da Europa. Os autores foram inspirados e tocados pela situação europeia, e, principalmente, pela situação política em Portugal, onde se lentamente acercava ao advento da República⁵. Os representantes eram jovens intelectuais entre os quais se destacaram por exemplo Paixão Franco, Silvério Ferreira, Francisco Castelbranco, ou Vieira Lopes, etc.

Apesar do esforço deste grupo por criar uma própria literatura angolana, o resultado foi modesto. Publicaram uns pequenos ensaios e poemas dispersos por revistas, habitualmente abordando temas gerais, não necessariamente ligados com a realidade angolana. Por isso, alguns críticos não consideram este movimento como uma geração independente, mas só como um subgrupo da primeira geração.⁶ A geração de 1896 atuou na cena literária até 1910. Depois, chega um período de repressão e censura, por causa da luta crescente dos intelectuais angolanos contra a opressão colonial, que foi cada vez mais intensa.⁷ Os autores cada vez mais denunciavam através da imprensa os abusos e a altivez da comunidade crescente dos europeus em Angola. Assim, muitos destes intelectuais foram encarcerados, ou, deportados pelas autoridades portuguesas. Só em 1934, foi publicado o primeiro grande romance angolano, denominado *O segredo da morta*, que nos oferece um retrato da sociedade luandense e das zonas comerciais na cidade. O romance foi escrito por um autor pertencente à geração de 1896, António de Assis Jr. que, também, foi encarcerado pela defesa da cultura angolana. Depois de exílio, decidiu publicar este romance, que é considerado como a obra iniciadora da prosa de ficção angolana.

⁴ Cf. Carlos Ervedosa, *A literatura angolana*, op. cit., p.12.

⁵ Carlos Ervedosa, *A literatura angolana*, op. cit., p.15.

⁶ Veja, p. ex., Pepetela, “Algumas questões sobre a literatura angolana”, *União dos escritores angolanos*, disponível em: <https://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/122-algumas-quest%C3%B5es-sobre-a-literatura-angolana> (acesso em 03.04.2019).

⁷ Veja, p. ex., Licínio Menezes de Assis, “Notas para uma história da literatura angolana”, op. cit.

2.2 O nascimento da literatura angolana moderna

No início do século XX começam a nascer os primeiros “filhos do país” também de raça branca⁸, devido à mestiçagem racial e cultural, já típica para a sociedade angolana. Com o desenvolvimento progressivo de Luanda, começaram a chegar a Angola mais mulheres brancas e a consequência foi que os homens brancos já não precisavam de procurar mulheres negras. Nesta nova sociedade surgiu, em 1950, ao redor da revista *Mensagem*, um novo movimento literário, chamado de Novos Intelectuais de Angola. Em 1951 começaram a ser publicados várias revistas e jornais, através dos quais os escritores e poetas angolanos divulgaram novos conceitos e ideias. Este período marca também o crescimento da poesia em detrimento da prosa. Os escritores dedicaram-se, tematicamente, ao povo angolano, aproveitando-se, nas suas obras, de uma simbologia com a qual queriam descobrir o país em todos os seus aspetos. Este grupo de escritores jovens visava enriquecer a literatura popular com temas novos, concentrando-se na descrição da própria terra e da cultura angolana, desde a geografia física à geografia humana.

A esta geração pertencia o escritor Óscar Ribas, estabelecido como o fundador da ficção moderna angolana, graças ao seu livro de contos *Ecos da minha terra*, publicado em 1952. Este autor ocupava-se com a mentalidade e a vida dos nativos da região de Luanda. Dentro desta temática, ele escreveu uma das obras mais representativas da literatura angolana, o romance folclórico *Uanga*, que foi lançado em 1951. Nele, o autor mostrou a sociedade africana do fim do século XIX, captando o seu folclore, as superstições, a fala dos nativos ou as formas de relação entre as línguas usadas. Os romances *Uanga* e *O segredo da morta*, do já citado António de Assis Jr., são, portanto, considerados como os primeiros romances da literatura angolana. Outros autores conhecidos desta geração são, por exemplo, Agostinho Neto, António Jacinto e Viriato da Cruz, os quais em 1953 publicaram a primeira antologia da poesia angolana, intitulada *Caderno de poesia negra de expressão portuguesa*.

Sete anos depois, em 1957, começou a publicar-se o novo jornal literário *Cultura*, que tornou a ser o elemento unificador de um novo grupo de jovens, que, conscientemente assimilaram a lição dos Novos Intelectuais de Angola. Este jornal era muito importante, porque todos os escritores desta geração publicavam os seus textos nas suas colunas. Dos maiores nomes desta geração mencionamos, por exemplo, os poetas Arnaldo Santos, Costa Andrade, João Abel ou Manuel Lima, dos ficcionalistas Mário Guerra, Pepetela ou Helder Neto. Influentes eram também autores de outros géneros, como o etnógrafo Henrique Abranches, ou

⁸ Cf. Carlos Ervedosa, *A literatura angolana*, op. cit., p.12.

o crítico literário Adolfo Maria. Uma das figuras mais importantes da literatura angolana, que proveio justamente desta geração, foi Luandino Vieira. Ele foi o criado no musseque de Braga – no ambiente que o inspirou também na sua obra. O seu livro mais conhecido deste período chama-se *Luuanda*, publicado em 1963. Nele, o autor narra, com clareza e a simplicidade, a vida dos habitantes humildes dos musseques luandenses. Cochat Osório, foi outro autor deste movimento, conhecido principalmente pela sua obra *Cidade*, lançada em 1960, que é um longo poema dedicado à sua terra natal. Este autor criou uma literatura focalizada na sua terra e no povo indígena.

Nos anos 1960, no contexto da crescente luta pela independência política do país, volta a reaparecer na cena literária a preferência dos escritores pela narração. Assim, a maioria dos escritores desta geração, principalmente desde a década de 70, começa a dedicar-se exclusivamente à ficção. Contudo, esta geração é muito importante por grande produção de muitos escritores de maior grandeza e sucesso, onde também pertence o nosso autor, José Eduardo Agualusa.

3 José Eduardo Agualusa

3.1 A vida

José Eduardo Agualusa Alves da Cunha, um dos autores mais importantes na cena da literatura lusófona da atualidade, nasceu na cidade de Huambo, em Angola, em 13 de Dezembro de 1960. Tem raízes angolanos, com ascendência portuguesa do lado da mãe, e brasileira do lado do pai. Ainda jovem mudou para Portugal, onde estudou Agronomia e Silvicultura no Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa. Após ter vivido em Huambo e Lisboa, mudou muitas vezes, por exemplo para o Rio de Janeiro, Berlim ou para a Ilha de Moçambique. Agora vive dividindo o seu tempo em Luanda ou em Lisboa e algumas vezes no Brasil ou em Moçambique. Em todos estes lugares participa como cronista em periódicos locais. Os autores literários preferidos e os mais inspiradores para ele são Jorge Luis Borges, García Márquez, Eça de Queiroz ou o seu bom amigo Mia Couto⁹. Em geral, podemos dizer que quando ele não está a escrever, está a viajar, assim promovendo os seus livros além-fronteiras. Tudo isso podemos sentir das suas próprias palavras, proferidas numa entrevista como resposta para a pergunta "Quem é o Eduardo Agualusa?": "Quem eu sou não ocupa muitas palavras: angolano em viagem, quase sem raça. Gosto do mar, de um céu em fogo ao fim da tarde. Nasci nas terras altas. Quero morrer em Benguela, como alternativa pode ser Olinda, no Nordeste do Brasil."¹⁰

No que se refere à sua carreira literária, depois dos seus estudos orientou-se para o jornalismo. À escrita começou a dedicar-se, intensivamente, a partir da década de 90. Colaborou com o jornal português *Pública* desde a sua fundação, publicando na sua revista de domingo uma crónica quinzenal. Logo começou a escrever crónicas para outras revistas: para a revista portuguesa *Ler*, para o jornal brasileiro *O globo* e para o portal *Rede Angola*. Na RDP África foi realizador do programa *A hora das cigarras*, em que se falava sobre a música e a poesia africanas. Em 2006 lançou, juntamente com Conceição Lopes e Fátima Otero, a editorial brasileira *Língua geral*, dedicada apenas aos autores de língua portuguesa. É programador cultural da Feira do livro do Porto, desde 2017, e membro da União dos escritores angolanos, que é uma Instituição de utilidade pública e com sede na cidade de Luanda, e faz parte do

⁹ Cf. Anabela Mota Ribeiro e Miguel Manso, "José Eduardo Agualusa, Mia Couto: A graça que o mundo tem", *Público*, 8 de junho 2014, disponível em: <https://www.publico.pt/2014/06/08/culturaipilon/noticia/a-graca-que-o-mundo-tem-1638869> (acesso em 23.04.2019).

¹⁰ Oliveira Prazeres, "Travessia de identidades na escrita de José Eduardo Agualusa", *Palavra & arte*, 29 de maio 2018, disponível em: <http://palavraarte.co.ao/travessia-de-identidades-na-escrita-de-jose-eduardo-agualusa/> (acesso em 24.04.2019).

“mundo digital”, através da página web¹¹. Após as primeiras tentativas na poesia, lançou-se na prosa, principalmente na área da ficção. Os seus primeiros passos prosaicos foram realizados no *DN Jovem*, que é um suplemento juvenil do *Diário de notícias*, através do qual os jovens talentos na área das letras podem lançar as suas escritas. Na atualidade, José Eduardo Agualusa dedica-se à literatura como escritor, editor e crítico literário.

Durante a sua criação literária, o autor beneficiou de várias bolsas que lhe permitiram passar temporadas em vários países. A primeira, concedida pelo Centro nacional de cultura em 1997 para escrever *Nação crioula* (1997); a segunda em 2000, concedida pela Fundação oriente, que lhe permitiu visitar Goa, Índia, durante três meses e na sequência da qual escreveu *Um estranho em Goa* (2000); a terceira em 2001, concedida pela instituição alemã Deutscher akademischer austauschdienst. Graças a esta bolsa viveu um ano em Berlim, e foi lá que escreveu *O ano em que Zumbi tomou o rio* (2002). Em 2009, foi convidado pela fundação holandesa Fonds voor de Letteren a passar dois meses em Amesterdão, onde escreveu *Barroco tropical* (2009).

3.2 A obra

A bibliografia de José Eduardo Agualusa é vasta tanto do ponto de vista da quantidade das obras, como da quantidade dos gêneros diferentes. Os gêneros mais cultivados pelo autor são o romance e o conto, mas além disso escreve crônicas, diários, poesia, histórias para crianças, cenários cinematográficos e, também, dedica-se à dramaturgia. Hoje em dia tem na sua conta trinta e cinco livros publicados em língua portuguesa. Publicou treze romances e umas quantas coleções de contos e de poesia. Os seus livros estão traduzidos em mais de trinta idiomas diferentes e, assim, percorrem o mundo.

Baseando-nos na pesquisa no site oficial do autor¹², mencionemos alguns dos títulos mais conhecidos e apreciados pela crítica. Entre os seus romances mais importantes pertence a sua primeira obra *A conjura* (1989), depois *A feira dos assombrados* (1992), *Estação das chuvas* (1996), *Nação crioula* (1997), ou *O vendedor de passados* (2004), que é um romance traduzido para quinze línguas diferentes. Uma das obras mais conhecidas da sua poesia é *Coração dos bosques* (1991). As coletâneas dos contos mais conhecidas são *Fronteiras perdidas* (1999), *Catálogo de Sombras* (2003), *A educação sentimental dos pássaros* (2011),

¹¹ União dos Escritores Angolanos, disponível em: <https://www.ueangola.com/quem-somos>, 2015, (acesso em 23.04.2019).

¹² Veja: *Obra* de José Eduardo Agualusa, disponível em: <https://www.agualusa.pt/cat.php?catid=28> (acesso 23.04.2019).

ou *O livro dos camaleões* (2015). Em 2013 saiu *Catálogo de luzes*, a seleção dos melhores contos do autor. Das coletâneas de histórias para crianças podemos mencionar *A girafa que comia estrelas* (2005), ou *O filho do vento* (2006). O seu último livro, lançado em 2019 e intitulado *O terrorista elegante e outros contos*, é um livro de três peças, adaptadas para o formato de contos, que o autor escreveu com Mía Couto.

Durante a sua atuação no mundo literário Agualusa recebeu vários prémios. O seu primeiro prémio recebido foi o Prémio revelação sonangol pela sua obra *A conjura*, publicada em 1988. Com *Nação crioula* (1997) venceu o Grande prémio literário RTP. A coleção dos contos *Fronteiras perdidas* (1999) obteve o Grande prémio de conto Camilo Castelo Branco da Associação portuguesa de escritores. Em 2002, o livro *Estranhões e bizarros* de 2000 ganhou-lhe o Grande prémio de literatura para crianças e jovens da Fundação Calouste Gulbenkian. Pelo livro *O vendedor dos passados* (2004), em 2007, recebeu o prestigioso Prémio independente de ficção estrangeira, promovido pelo diário britânico *The Independent* em colaboração com o Conselho das artes do Reino Unido; foi o primeiro escritor africano a receber tal distinção. Conquanto, um dos principais reconhecimentos da carreira de José Eduardo Agualusa surgiu na forma de nomeação: no ano de 2016, o autor foi um dos seis finalistas do prestigiado prémio Man Booker international award, pelo romance *Teoria geral do esquecimento* (2012). Em 2017 voltou a ser nomeado outra vez para um importante prémio internacional - Prémio literário internacional IMPAC de Dublin, apresentando-se ao fim como o seu vencedor.

Pela vastidão da sua produção, os entrevistadores com frequência perguntam ao autor pela sua inspiração. Agualusa uma vez explicou: "Escrever me diverte, e escrevo também, porque quero saber como termina o poema, o conto ou o romance. E ainda porque a escrita transforma o mundo. Ninguém acredita nisto e, no entanto, é verdade."¹³ Além de ser frequentemente entrevistado por jornalistas, a sua obra já tem abundantes interpretações críticas. Um dos críticos mais prestigiados das literaturas africanas de língua portuguesa, Pires Laranjeira, disse acerca da obra de Agualusa o seguinte: "Agualusa alia à sua capacidade de fundamentação histórica a facilidade de fluência da enunciação, cauterizadas com episódios burlescos, sentimentais e maravilhosos."¹⁴ Por causa desta facilidade, pela obra de Agualusa interessam-se hoje em dia muitos leitores, não só do mundo lusófono, mas também de outros países.

¹³ Denise Rozário, *Palavra de Poeta*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, pp. 362-3.

¹⁴ Pires Laranjeira, *De Letra em Riste*, Porto: Edições Afrontamentos, 1992, p. 102.

4 Características gerais da obra do autor

4.1 O estilo e a temática

A especialidade da narrativa de José Eduardo Agualusa é seu caráter híbrido, tanto no plano da forma, quanto no plano temático. No que se refere à forma, o autor frequentemente mistura mais géneros e tipos de textos para fazer a leitura mais interessante e apaixonante. Ele mesmo disse na entrevista para *Fronteiras de pensamento* o seguinte:

[...] tenho dificuldade em distinguir géneros. Não acho que transito entre géneros, eu simplesmente os ignoro. Não gosto de fronteiras. Eu me sirvo da poesia para escrever ficção e da ficção para escrever letras para canções. Por que separar em géneros? Bom é misturar tudo. Ser os géneros todos ao mesmo tempo.¹⁵

O caráter híbrido no plano temático claramente vemos, por exemplo, na mistura frequente e natural da matéria histórica com cenas fantasiosas, dando assim ao leitor inumeráveis possibilidades de interpretação. Por conseguinte, não é possível às vezes determinar ao certo se classificar os seus textos como uma pura ficção ou como obras com um substrato histórico. Para Agualusa, o maior sentido faz apresentar os fenómenos históricos, já conhecidos, num espaço marcado por distintos aspetos da realidade e cultura africana, em vez de apenas se aproximar à tradição do romance histórico. Além disso, ele considera a História uma narrativa ficcional: “A História é um conjunto de ficções que chegou até nós. As crónicas e documentos publicados na época são também versões. Tudo são versões. Nunca saberemos o que aconteceu realmente.”¹⁶ Ou seja, a história oficialmente apresentada é só uma versão, que se pode perfeitamente entremesclar com a imaginação e narrativas de ficção, as quais formam parte inseparável da tradicional cultura africana. Assim, a produção do autor foi comentada pela escritora e crítica Inocência Mata como “intenção generalizada de desmistificar o Passado, fazê-lo dialogar com o Presente, para se projetar o Futuro.”¹⁷

As primeiras obras de Agualusa foram basicamente ficcionais. Criava mundos fantásticos com uma realidade fora de hábito. Algumas vezes encontram-se ali os elementos que a crítica literária associa ao realismo maravilhoso da América Latina¹⁸. A partir de 1997, com o seu romance epistolar intitulado *Nação crioula*, Agualusa chegou com uma mudança na

¹⁵ Apud Márcia Moreira/ A Tarde, “José Eduardo Agualusa: Não tenho a menor intenção de morrer”, *Fronteiras de pensamento* 26 de julho .2018, disponível em: <https://www.fronteiras.com/entrevistas/jose-eduardo-agualusa-nao-tenho-a-menor-intencao-de-morrer> (acesso 10.05.2019).

¹⁶ “José Eduardo Agualusa: A voz da literatura angolana”, *Estante*, 19 de maio 2017, disponível em: <http://www.revistaestante.fnac.pt/biografia-jose-eduardo-agualusa/> (acesso em 10.05.2019).

¹⁷ Inocência Mata, *Literatura Angolana: silêncios e falas de uma voz inquieta*, Lisboa: Mar Além, 2001, p.220.

¹⁸ Cf. Lada Weissová, “Agualusa, José Eduardo”, *iLiteratura.cz*, 23 de marzo 2006, disponível em: <http://www.iliteratura.cz/Clanek/18859/agualusa-jose-eduardo> (acesso 20.05.2019).

sua produção e começou a cultivar uma literatura de cunho histórico, porém, ligada à realidade de uma maneira livre e criativa.

Dentro da questão de história, o cenário frequentemente presente em vários romances seus é a guerra. O autor nasceu durante a Guerra de Independência de Angola, e assim viveu todo aquele período conturbado, que o influenciou profundamente. Ele mesmo relatou numa entrevista: “Tenho a noção da presença da guerra no meu cotidiano desde sempre. A questão é essa: quando temos desde sempre, também olhamos para a guerra de uma outra maneira.”¹⁹.

Além da questão da história, que faz uma parte inseparável e um tema muito recorrente nos seus livros, o autor dedica-se também à questão da identidade, que é, naturalmente, relacionada com a história. A preocupação pela identidade individual e nacional está presente em todas as literaturas africanas de língua portuguesa, principalmente depois das Independências. Na obra de Agualusa, a identidade é muitas vezes fluida e capturada mediante elementos sobrenaturais, as personagens muitas vezes passam por transformações e repensam as suas identidades. Em várias narrativas temos também a presença de identidades múltiplas, míticas ou misteriosas, como por exemplo na coletânea dos contos intitulada *Fronteiras perdidas, contos para viajar* (1999).

Além destas duas temáticas principais, a história e a identidade, Agualusa aborda vários outros temas bem diferentes nas suas narrativas, como, por exemplo as vidas nas favelas em Brasil (*O ano em que Zumbi tomou o rio*, 2002), as vidas das comunidades lusófonas no mundo (*Estação das chuvas*, 1996), o questionamento do mundo real e fantástico (*A sociedade dos sonhadores involuntários*, 2017) ou a realidade distópica (*A vida no céu*, 2013).

4.2 As obras destacadas

Nação crioula é um dos romances mais velhos. A sua primeira edição foi publicada em 1997. O livro representa um romance epistolar que narra uma história amorosa secreta entre Carlos Fradique Mendes, o aventureiro português e Ana Olímpia Vaz de Caminha, escrava que se torna uma das angolanas mais ricas e famosas no fim do século XIX. No livro mistura-se a ficção com dados do contexto da luta contra a escravatura em Angola.

Em 2003 é lançado o livro *Catálogo de sombras*. Esta coletânea de contos é conhecida pela intertextualidade com dois grandes nomes no mundo literário - Fernando Pessoa com os

¹⁹ Anabela Mota Ribeiro e Miguel Manso, “José Eduardo Agualusa, Mia Couto: A graça que o mundo tem”, op. cit.

seus heterónimos, e o argentino Jorge Luis Borges, a quem José Eduardo Agualusa é um grande admirador²⁰. São histórias de várias personagens baseados em diferentes ambientes, como por exemplo a religião candomblé em Brasil, o último membro de czarismo em Rússia, viajando por Angola, ou o pescador na praia de Pernambuco sonhando sobre uma baleia.

Uma das obras mais importantes de Agualusa, é, sem dúvida, o romance *O vendedor de passados*. O livro foi lançado em Lisboa em 2004, divulgou-se pelo mundo e, hoje em dia, esta publicação tem dezassete edições mundiais em treze línguas diferentes. O livro ganhou muitos prémios, mas o maior considera-se O Prémio de Independent foreing fiction em 2007. O tema principal do romance é a guerra e os danos que causou. A obra quer mostrar a realidade que está a entrar e a sobrevivência num mundo de pós-guerra. A história conta a vida dum albino angolano, chamado Félix Ventura, cuja profissão esta baseada em negociação das identidades e idealização dos passados reais. Entre os seus clientes destacam-se membros da burguesia angolana, que têm todo o reconhecimento social no presente, mas precisam de um passado diferente do que tinham na realidade, e que lhes dê o prestígio. Esta falsa genealogia, movida pela vontade e urgência de superar as falhas do passado daquela maneira pouco honesta, torna-se alvo da crítica social e política do autor, dirigida contra a sociedade atual de Angola.

Em 2009 foi lançado o livro *Barroco tropical*, qual Agualusa escreveu durante a sua estadia em Amsterdão. A história deste romance é única, porque passa no futuro, em 2020 em Luanda. Bartolomeu Falcato, o protagonista, quer resolver o mistério que aconteceu durante uma tempestade tropical. Ele com a sua amante, Kianda, foram os únicos que viram cair uma mulher do Céu. Na história aparecem personagens de muitos tipos distintos: um terrorista velho, um ex-sapador levando a máscara de Rato Mickey, um pintor autista, ou um anjo negro, e todos encontram-se com Bartolomeu.

O segundo livro mais traduzido da sua produção chama-se *Teoria geral do esquecimento*, publicado em 2012 pela mesma editora em Lisboa. O romance fala sobre a vida duma mulher angolana, que decide viver num apartamento sem qualquer contato com a vida exterior. Tudo muda quando se encontra com um jovem, que a informa sobre as mudanças radicais no seu país. O livro mostra as consequências da Guerra de Independência em Angola e entrelaça a experiência traumática da colonização e os problemas sociais relacionados com a construção da identidade nacional. Neste romance entrecruza-se o cenário passado e o presente,

²⁰ Cf. Lada Weissová, “Agualusa, José Eduardo”, op. cit.

assim como os grandes eventos da história misturam-se com a descrição ficcional da vida cotidiana.

Muitas vezes Agualusa aborda os problemas sociais ou culturais de uma maneira humorística e irónica, graças ao que revela vários aspetos da complexidade da cultura e da sociedade angolana. Este tom humorístico, aparece, principalmente, nas coleções de curtos contos, como por exemplo em *O livro dos camaleões* (2015). Nos contos apresenta-se uma notável galeria de personagens: um ditador africano que escreve a sua biografia, uma zebra que persegue a um escritor, ou, um famoso marinheiro maltês que visita São Tomé, passando por um lugar onde o tempo não passa. As personagens estão em procura da sua identidade, atravessando diversas épocas e geografias.

Como já temos mencionado, a produção de Agualusa é extensa. A sua primeira obra foi lançada em 1989, e nos últimos anos o autor publica ao menos um livro por ano. Na sua obra encontramos centenas de personagens, dezenas de diferentes lugares, um montão de mundos reais e fantásticos e miles de histórias diferentes. A extensão desta tese não permite a apresentação da sua obra completa, por tanto passamos a nosso livro escolhido.

5 *A educação sentimental dos pássaros*

A Educação Sentimental dos Pássaros é o título do vigésimo sétimo livro de José Eduardo Agualusa com o subtítulo “Onze contos sobre anjos, demónios, e outras pessoas quase normais”. Pela primeira vez o livro foi publicado no ano de 2011 em Lisboa, pela editora Dom Quixote. Até agora, o livro tem só uma edição e não está traduzido em nenhuma língua. O livro é uma coletânea de contos que reúne onze cenários, que apresentam diferentes tipos de histórias e personagens, cujo tema principal é a manifestação do Bem e do Mal. No portal *Deus me livro* encontramos a recomendação que descreve o livro como uma obra-prima e o autor do artigo recomenda o livro para os que gostam de livros menos extensos, mas cheios de ideias complexas e profundas²¹. Quase todos os contos foram primeiramente publicados nas colunas de quatro revistas diferentes: duas portuguesas *DN Jovem e Público*, uma angolana *Ler* e uma brasileira *Bravo*. Ademais, dez dos contos formam parte da coletânea dos melhores contos de Agualusa intitulada *Catálogo de luzes*, publicada em 2013.

A temática do livro é, simplesmente, expressar a natureza do Bem e do Mal em várias manifestações e culturas. O autor faz uma forte crítica da sociedade contemporânea e dos problemas globais, com os quais nos enfrentamos diariamente. Os vícios apresentados pelas personagens são, por exemplo, falsidade, maldade, crueldade, dissimulação, incompreensão, destruição, toxicodpendência, desrespeito e muitos outros. Como se escreve no artigo já mencionado: “Seja um anjo, ou um demónio, ambos caminham entre nós e nem sempre se distinguem uns dos outros²².”

As personagens formam uma parte muito importante nas histórias. Algumas são inspiradas da realidade vivida pelo autor, como o índio, o polícia, o psicólogo ou escritores, outros são bem fantásticas, como os anjos. O autor no fim da obra explica, que todas as personagens são ficcionais, além de Jonas Savimbi, que é uma pessoa real, conhecida por exemplo do livro *Jonas Savimbi – Uma chave para África* (1988) de Fred Bridgland²³.

O traço muito descritivo da obra é a mudança no tempo, lugares e épocas. Cada conto situa-se num espaço bem diferente e as personagens vivem as suas vidas em vários ambientes. Em um conto estamos na cidade, em Lisboa e movemo-nos no ambiente jornalístico, e em outro

²¹ Cf. Lalma Domus, „A Educação dos Pássaros | José Eduardo Agualusa“, *Deus me livro*, 13 de novembro 2018, disponível em: <http://deusmelivro.com/mil-folhas/a-educacao-sentimental-dos-passaros-jose-eduardo-agualusa-13-11-2018/> (acesso em 21.05.2019).

²² Idem, *ibidem*.

²³ José Eduardo Agualusa, *A educação sentimental dos pássaros*, Lisboa: Dom Quixote, 201, p.61.

conto encontramos-nos na selva, ou no paraíso, ou no circo, e sempre com as personagens apropriadas para o lugar correspondente.

No que se refere a linguagem, o autor na obra usa o português standard inserido nele vários termos modernos, como per exemplo “Ligou o computador e entrou no FaceBook.”²⁴, ou “[...] atraídos pelo vigor iconclasta de um rapper”²⁵. Uma grande parte de vocabulário é formada por palavras do português brasileiro e angolano, que é uma especificidade da obra de Agualusa. Durante toda a obra encontramos algumas palavras em quimbundo, e além disso no conto “Alá depois de Fátwa” encontram-se algumas palavras do árabe. Todo o estilo do livro é muito criativo. O autor usa um vocabulário muito rico, com abundância de diferentes figuras de estilo, como por exemplo no conto “Rio Negro”:

O barco deslizada devagar através da água lisa, quase negra, larga lâmina de chumbo pousada entre floresta. As margens, muito ao fundo, cobertas pela sombra compacta das árvores, repetiam-se insones e apáticas, dia após dia.²⁶

A constante presença de uma ironia suave é visível durante todo o livro, tanto nos assuntos leves, como nas partes mais sérias. Um bom exemplo temos no conto “Filosofia de elevador”:

Enredava-se em si mesma a um ponto tal que depois não conseguia desenrolar-se sozinha, e precisava eu de a ajudar, e muitas vezes me desesperei, e me vi tentado a cortar, com uma tesoura de poda, ali um joelho, acolá um cotovelo, para, enfim, a endireitar.²⁷

Contudo, na primeira leitura dos contos podemos estar enganados pela aparente simplicidade do tema e pelo tamanho curto. Mas o contrário é a verdade. Os contos oferecem mensagens morais, que se podem interpretar de várias maneiras. Por isso, para a compreensão de todas as ideias contidas no livro, é preciso de ler muito atentamente, ou, reler ao menos algumas partes mais vezes. Muitas vezes a releitura descobre ideias não captadas pela nossa perceção inicial.

²⁴ José Eduardo Agualusa, *A educação sentimental dos pássaros*, op. cit., 2011, p.17.

²⁵ Idem, *ibidem*, p.19.

²⁶ Idem, *ibidem*, p.35.

²⁷ Idem, *ibidem*, p.38.

6 Análise dos contos escolhidos

6.1 “Enquanto o fogo avança”

O conto intitulado *Enquanto o fogo avança* é um dos mais largos e encontra-se na escolha dos melhores contos de Agualusa, *Catálogo de luzes* (2013). O conto foi lançado na primeira publicação de todo o livro, em 2011. O narrador onisciente apresenta-nos os conflitos na esfera política com o fim muito surpreendente.

No começo da história, situamo-nos em Lisboa, onde o protagonista passa pela Avenida de Liberdade, pela praça de Rossio até ao Chiado. Toda a maior ação do conto ocorre em Angola, nas ruas de Luanda. Muitas vezes temos mencionado o palácio de cor-de-rosa, a que se refere ao Palácio presidencial de Angola.

A linha de personagens é bastante ampla. O protagonista, Zinho, é o filho intermédio, provindo duma família rica, influente e famosa. No início da história encontra-se em Lisboa, mas na maioria do seu tempo mora com o seu pai e duas irmãs. As suas relações familiares não são muito bons. As irmãs, Zéfa e Maria José, odiam-se mutualmente e Zinho as detesta. Com o seu pai quase não fala e muitas vezes é ignorado por ele. Descreve que o pai “olhava-o como um intruso”²⁸. Zinho, frequentemente, está a imaginar várias situações onde os banditos capturam o seu pai, e ele o único lhe vai ajudar. Depois da noite a passear por Lisboa, quando leu no jornal sobre os conflitos no norte de África, decidiu envolver-se na situação política e por isso criou no Facebook um perfil falso de Domingos Boaventura. Depois de uma semana de figurar-se como Domingos nas redes sociais, Zinho identificou-se completamente com ele. Além de Domingos, criou dois perfis mais, o arquiteto Mestre Pombo e o militar de carreira Miracolino de Sousa Andrade.

Domingos Boaventura é um homem bonito com triunfante sorriso, um jovem luandense que estuda a comunicação social em Paris. Gosta de fazer surfe, tocar saxofone e interessa-se muito na situação política em África. Apanha todas as discussões sobre a situação em Angola e depois de ganhar uma audiência bem extensa, apela na gente para fazerem uma manifestação.

A obra começa em Lisboa com o título num periódico anunciando sobre as revoluções democráticas via online no norte de África²⁹. Depois de criar o perfil falso, Zinho decidiu organizar um manifesto contra a ditadura em Luanda iniciado através de Domingos Boaventura. Comprou um bilhete e vai a Luanda. Na primeira cena na casa da sua família, um general

²⁸ José Eduardo Agualusa, *A educação sentimental dos pássaros*, op. cit., p.18.

²⁹ Cf. Idem, *ibidem*, p17.

averiguou que as personas de internet são falsas. Zinho não se preocupa e vai a um concerto de novas bandas angolanas. Ali sente-se muito bem, como uma parte dum destino maior, porque o rapper Kamartelo apoia a sua ideia (ou a ideia de Domingos Boaventura).

No dia seguinte o presidente tem o discurso na televisão e declara uma manifestação apoio à paz. A esta manifestação assistira um montão da gente. As ruas de Luanda enchiam-se de gente alegre com muita ordem, celebrando a paz. Ao contrário, à manifestação de Domingos assistiram dezassete pessoas, que eram facilmente capturados pela polícia. Zinho mesmo não assistiu pessoalmente à manifestação.

Após o fracasso da manifestação, Domingos tentava de libertar os capturados e iniciar outra manifestação. Queria organizá-lo durante o carnaval, para melhor camuflagem. Com uma máscara também ele podia participar. Assim começou a delegar umas quantas pessoas em Facebook e assim, no dia de Carnaval, os revolucionários nas máscaras de muquixes³⁰, romperam o desfile e proclamaram o fim da ditadura.

Quando Zinho quer já ir apoiar a manifestação, averigua que algo passa ao redor da sua casa. E agora chega o momento mais surpreendente. Zinho encontra-se no palácio de cor-de-rosa no momento de o seu pai, o presidente, estar a ir-se por um helicóptero. Enquanto os militares esperam para o presidente, no jardim encontra-se um muquixe com um machado grande.

No fim do conto não é mencionado nada mais, só que era bonito e era real³¹. O leitor tem aqui um enorme espaço para as suas próprias interpretações, porque não temos nenhum sinal do fim exato. O que eu vejo claramente é a falta de atenção. Zinho durante toda a história anda sempre sozinho, não tem amigos e ao contrário das suas irmãs, todos o ignoram. Mesmo o seu pai. No princípio quando descreve os seus sonhos de libertar o pai das mãos de banditos, vemos que ele quer ser um herói para ele. Então tem de pensar alguma maneira como pode atrair a sua atenção. Como é o filho do presidente, não pode publicamente participar contra ele, mas pode fingir os acontecimentos de tal maneira, que depois ele pode ser o ganhador. Então um fim possível pode ser que ele criou tudo isso para afinal salvar o seu pai e conseguir a ser o filho visível.

Uma outra interpretação pode ser a crítica das redes sociais. Este tema é muito atual e cada vez é pior e pior. Nas redes sociais presentamo-nos como alguém totalmente diferente e o mundo o permite. Criamos pessoas falsas, escondemo-nos detrás das identidades fingidas e no

³⁰ Dançarinos mascarados da região das Lundas no norte de Angola.

³¹ José Eduardo Agualusa, *A Educação sentimental dos pássaros*, op. cit., p.22.

mundo real andamos entre a gente com um puro escudo. Assim nascem os enganos e problemas que, muitas vezes não estão resolvidas por falta do iniciador.

6.2 “Disse chamar-se Escuridão”

O segundo conto analisado, intitulado “Disse chamar-se Escuridão”, foi também pela primeira vez publicado na revista portuguesa *Pública*, e como quase todos os contos deste livro, encontra-se também em *Catálogo de luzes* (2013). O conto é um dos mais realistas, porque fala sobre a vida no mundo real, sem elementos fantásticos, de um rapaz muito misterioso, de nome Welema, e dum grupo de amigos, através quais se esclarece esta personagem.

A história desenvolve-se, provavelmente, em Angola. Podemos sabê-lo do uso de algumas palavras das línguas bantus, provindas de Angola; em quimbundo temos as palavras como *candengue*³² ou *muxoxo*³³ e, além disso, no início temos mencionado que o nome Welema, que significa Escuridão, provém de umbundo. A história ocorre durante os tempos duros de socialismo, quando os estrangeiros tiveram de exiliar-se.

No conto temos narrada uma história que começa e termina com um motivo parecido: no início, um grupo de amigos joga à bola e, após muitos anos, acabam por jogar às cartas, no mesmo lugar. Escuridão chega a jogar com eles como uma criança sempre nas tardes de sábado, e depois chega a jogar com eles como um homem já velho. Em todos os jogos Escuridão sempre ganha. Tudo assim parece ocorrer num círculo, em que todo está muito estático e cíclico.

O grupo de amigos funciona como um narrador coletivo, mas não sabemos muita coisa sobre eles. No início todos de grupo têm onze anos e estão a jogar à bola no campo. Tinham o seu lema, que é “unidos caberemos todos”³⁴, e por isso deixavam sempre Escuridão a jogar com eles. Do ponto de vista de uma evolução pessoal ou social, o grupo é muito estático e não temos menção de que durante as suas vidas tenha mudado algo. Os amigos, provavelmente, viviam todo o tempo no mesmo lugar, durante “trincheira firme do socialismo”,³⁵ levando uma vida bastante dura “comendo peixe-espada com arroz, por alcunha o “cinturão das falpa”, ou arroz com arroz”³⁶. Não há nas suas vidas nenhuma mudança de grande importância.

No que se refere às personagens, o protagonista Welema, chamado Escuridão, é a única pessoa que passa por uma evolução pessoal, e sobre quem sabemos alguns detalhes pessoais.

³² Garoto, menino.

³³ Beijo.

³⁴ José Eduardo Agualusa, *A educação sentimental dos pássaros*, op. cit., p. 25.

³⁵ Idem, *ibidem*, p. 26.

³⁶ Idem, *ibidem*.

Entra na obra como um rapaz pobre de onze anos, com o aspeto físico “semelhante à dos anjos loiros nos manuais de catequese”³⁷, querendo jogar à bola no campo com os outros rapazes. O narrador descreve positivamente a sua rapidez com que ganhava todos os jogos, mas sublinha mais as suas características desagradáveis: os seus olhos piscos que “sustentam com dificuldade o fulgor da tarde”³⁸ e o seu hábito de lamber os lábios. Depois de umas quantas décadas, Escuridão volta como um homem calvo, em mau aspeto físico, mas parece um rico, com roupa de luxo, relógio de ouro e o chapéu fabricado no Equador.

No fim do conto, durante o jogo às cartas, um dos amigos começa a recordar os tempos duros que tinham de sobreviver, enquanto havia gente que, segundo ele, “agora regressavam para colher os generosos frutos da paz viajavam pelo mundo com passaportes estrangeiros”³⁹. Refere-se criticamente às pessoas que de exilaram e depois voltaram para viver já nos bons tempos enquanto os outros passavam tempos difíceis no seu país, lutando por um futuro melhor. Escuridão, que representa os exiliados, comenta-o com as palavras seguintes: “Não há pior sofrimento do que o exílio.”⁴⁰. A mesma situação é, assim, apresentada por dois pontos de vista diferentes. Os amigos acham que os exiliados tinham passado um bom tempo no estrangeiro, enquanto eles sofriam durante o socialismo. Para Escuridão, porém, a saída foi a pior experiência de todas, e quando ele diz que “é bom voltar a casa”⁴¹, sentimos a tranquilidade na sua alma.

Neste conto, o autor transmite a ideia da existência de uma perspetiva dupla. Um dos amigos destaca os maus tempos que viviam os que ficaram no país, e julga as pessoas exiliadas mal. Eles veem que Escuridão voltou rico com o vestuário e coisas de muita qualidade. O autor parece criticar o facto de condenação os outros, apesar de não sabermos nada sobre a sua vida, nem do seu sofrimento vivido. Quando Escuridão vem a jogar à bola com os rapazes, está sozinho. Depois uns muitos anos regressa outra vez sozinho. Simultaneamente, o fim faz sentir-nos o arrependimento de Escuridão. Apesar de ter enriquecido, viveu toda a sua vida em solidão. Então a ambição de ser o melhor pode propulsar-nos ao nosso objetivo, mas não deveria destruir os valores vitais, que como vemos no conto, são mais importantes como a riqueza.

³⁷ José Eduardo Agualusa, *A Educação sentimental dos pássaros*, op. cit., p. 25.

³⁸ Idem, *ibidem*.

³⁹ Idem, *ibidem*, p.26.

⁴⁰ Idem, *ibidem*.

⁴¹ Idem, *ibidem*.

6.3 “Uma pessoa quase normal”

Outro conto na nossa apresentação chama-se *Uma pessoa quase normal*. Foi publicado pela revista *Pública*, e é único conto do livro que não foi eleito para a coletânea dos melhores contos de Agualusa, *Catálogo de luzes* (2013). Agualusa nos apresenta uma das histórias mais absurdas do livro através dum narrador onisciente. O lugar e o tempo não são referidos, mas nesta história não nos importam.

Temos dois personagens na história e ambas têm muita importância. O senhor Mesquita é o portador da parte fantástica, apesar de ser uma pessoa quase normal. Faz coisas como um homem comum; come torradas, bebe café, lê o jornal, vai ao trabalho. A sua especialidade baseia-se na transformação num tubarão durante as noites. Apesar disso vive com a sua família uma vida normal. Quando após algum tempo já precisa de ajuda, procura um psicólogo clínico para consultar o seu problema.

Júlio Baltazar é apresentado mais realístico. Entra na história com um ladrão toxicod dependente. Durante a sua vida nunca tinha alguns grandes objetivos da vida. Quando era jovem, apaixonou-se por colega Joana, que gostava de ingestão das drogas naturais, como cogumelos alucinógenos ou fumar folhas de cânhamo. Júlio começou a compartilhar este passatempo com ela. Quando ela partiu para a Índia, ele deixou das plantas e começou com as drogas químicas. Comprou uma navalha vermelha e começou a assaltar as pessoas para obter mais dinheiro. Quatro vezes teve sucesso, mas a quinta pessoa com que se encontra, é o senhor Mesquita. Ao anexar a navalha à sua barriga o senhor Mesquita devorou todo o seu braço direito e a navalha. Depois deste acontecimento a vida de Júlio mudou completamente.

Júlio não podia compreender o que aconteceu e, por isso, decidiu deixar de drogas. Desde esse momento a sua vida começa a ter maior sentido. Formou-se na psicologia clínica e começa a trabalhar como um psicólogo no consultório. Vê-se uma mudança grande no estilo da sua vida, com que melhorou não só a sua qualidade, mas também subiu no nível social. Apesar disso, quando um dia se enfrenta com o senhor Mesquita no seu consultório, deixa sem pensar da sua posição social e decide vingar o seu passado.

Eu vejo nesta curta história dois interpretações. A primeira podemos nomear a determinação de ser vivo. Apesar de Júlio mudou a sua vida na direção positiva, ainda que por uma experiência traumática, quer vingar o seu passado muito pior e arriscar o fim ainda pior. Então não importa se melhoramos ou tentamos de subir nas nossas vidas, sempre voltamos onde começamos e onde pertencemos.

A segunda é a injustiça no mundo. O senhor Mesquita magoou ao Júlio, mas em defesa pessoal. Ele mesmo nunca magoaria a ninguém só para divertir-se. Quando senhor Mesquita chega ao consultório e diz que é um tubarão, chega porque precisa de ajuda, mas vai ficar mais prejudicado. Neste momento se pode ver algum tipo de condenação. Muitas vezes quando na vida mostramos o nosso verdadeiro eu, somos julgados por coisas que nem podemos influenciar. Por isso, é importante dar a cada pessoa a liberdade de se expressar de maneira própria. Ao senhor Mesquita lhe falta a liberdade pessoal e ao Júlio falta a liberdade mental. Pois, a falta de liberdade podemos compreender como o tema principal do conto e como um grande problema no mundo atual

6.4 “Alá depois da Fátwa”

Alá depois da Fátwa é um de dois únicos contos que a sua primeira publicação era através de este livro e não através de periódicos. Como já vemos no título, o conto é único pelo seu léxico, o vocabulário de árabe. A história no ambiente jornalístico, com um narrador onnisciente mostra-nos o grande impacto dos meios de comunicação nas vidas humanas.

A história ocorre em Brasil, a maioria do tempo em Olinda na Rua do Amparo. Além deste espaço principal, situamo-nos também no Rio de Janeiro, São Paulo, Nova Iorque ou ruas do Cairo ou de Teerão. O tempo não é mencionado.

Antes de passar aos personagens e o enredo, é importante aludir a origem das palavras-chaves do conto. O título soa *Alá depois da Fátwa*. Já na primeira vista vemos que Alá e Fátwa não são palavras de língua portuguesa. As palavras provêm de árabe com o significado seguinte: Alá é Deus na religião muçulmana e Fátwa é a decisão jurídica baseada na lei islâmica⁴².

A personagem mais importante chama-se Serafim Bezerra da Silva, ou mais tarde nomeado Alá. Serafim é o pintor que mora em Olinda na Rua do Amparo com outros artistas. É um bom locutor, vivendo a vida boémia com as prostitutas. A sua maneira de apresentar-se chama muita atenção. Leva grossas tranças de rastafári e veste loucas camisas padronizadas com falos voando, sem contemplar a situação se é apropriado vestir-se desta maneira. Não é rico, vivia de pequena herança e pensão. Como o pintor não foi muito conhecido, até o momento de mudar o seu nome artístico.

Araújo é um alegre jovem festeiro, que é o amigo de todos os artistas que vivem na Rua do Amparo. Trabalha como jornalista no *Diário de Pernambuco* e é o único quem vem na

⁴² Veja: Dicionário Priberam, disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>, (acesso em 15.6.2019).

convocação de Serafim. Graças a ele, o mundo chega a saber sobre a mudança do nome de Serafim. Ao fim, Araújo é o único que se recorda no dia em que Serafim transformou-se em Alá⁴³.

Num dia bonito, quando Serafim descansava na rede, ouviu o rangido da porta. Não viu nenhum movimento, só ouviu o som. Quando percebeu que o som veio do seu interior, convocou a imprensa para declarar: “Ouvi uma porta se abrindo dentro de mim. A porta se abriu e uma vez me nomeu: és Alá!”⁴⁴ Este acontecimento provocou um grande escândalo. A gente da fê islâmica fizeram protestos, queimaram a bandeira brasileira, queixaram-se na justiça e ameaçaram a Serafim com a morte. No debate em Rio de Janeiro participaram Serafim e um teólogo islâmico. Serafim era muito bom em debate e perguntou por que é tão problema com o nome islâmico Alá, se a gente no mundo lusófono vive com o nome “Deus” e ninguém se queixa do seu uso inconveniente. Assim, um escritor quase invisível tornou-se numa pessoa popular. Todos os periódicos escreveram sobre ele, as pessoas nas ruas aplaudiram, os redatores de todo o país chegaram a sua casa. Quando já era mais velho, mudou para São Paulo, e depois com o seu esposo a Nova Iorque. Após muitos anos, bebendo cerveja com Araújo, o jornalista perguntou para a porta que ouviu aquela tarde. Serafim contestou que talvez seja o fome, porque não comi aquele dia inteiro⁴⁵.

No final, Serafim acrescentou a frase fundametal para o conto. Disse: “A fome! Quanto há de fome em qualquer epifania, [...]”⁴⁶. Isso quer dizer que periódicos, revistas, reportagens e todos os meios de comunicação não se focalizam nas coisas urgentes, mas nas mais curiosas com o objeto de ter sucesso e de atrair o público mais possível. Enquanto as coisas e problemas realmente importantes não são apresentadas de tal maneira. O autor critica medias, noticiários e todo o jornalismo, que fazem um circo mediático de coisas sem sentido, e a realidade, que vale a pena de divulgar, está ignorada.

Como temos mencionado no fim, a realidade tende a perder consistência e ao fim do mês já é pura fantasia.⁴⁷ Toda a causa ao redor de Serafim é um bom exemplo para ver, como as coisas passam do circo mediático até ao esquecimento. Depois de algum tempo, a gente não se lembram do que ocorreu. Por tanto, não sempre hemos-de acreditar de tudo o que vemos ou ouvimos. Muitas vezes o mostrado não é a verdade absoluta. Temos de distinguir o que

⁴³ José Eduardo Agualusa, *A Educação sentimental dos pássaros*, op. cit., p.32.

⁴⁴ Idem, *ibidem*, p.31.

⁴⁵ Idem, *ibidem*, p.32.

⁴⁶ Idem, *ibidem*.

⁴⁷ Cf. Idem, *ibidem*.

realmente acontece e vale a pena da nossa atenção, e o que é só a coisa de manipulação da multidão.

6.5 “Rio Negro”

Rio Negro é o único conto publicado nas colunas da revista *Ler*. Já as conotações do título do conto, que se refere ao maior afluente do Rio Amazonas, caracterizado pelas suas águas negras, alude à simbologia de escuridão, profundidade e mistério.

Toda a história ocorre na floresta amazônica, pela qual passam três personagens num barco turístico: dois escritores, e um índio, servindo de guia. A natureza tem o papel muito importante, por isso há muita descrição da floresta e do rio no conto. Não nos encontramos numa natureza romântica, mas numa natureza escura, sinistra, que assusta e dá medo, associada à morte. Encontramos aqui a água quase negra, sombras das árvores insones e apáticas, asas que não assaltavam o ar, ou barbatanas que não passam o rio extenso, palmeiras eriçadas de espinhos, esperma de sapos que pode matar.⁴⁸ As águas apresentam-se como o espaço para os mortos e a floresta destaca-se pelos bichos que podem matar. O único elemento positivo são os golfinhos de cor-de-rosa, os botos, os quais, porém, também nadam nas águas escuras. O rio e as margens dele não mudam, são sempre os mesmos, e o único que se renova é o Céu. Assim, a pergunta é, se o barco está em movimento, porque tudo parece ser igual e estático. A natureza não atua no conto só como o espaço, mas tem o papel duma personagem

O índio atua no conto como o enlace entre o homem civilizado e a natureza selvagem. Ele vive na floresta, trabalha de guia para os turistas e, o mais importante, defende e exalta a floresta como se fosse algo supernatural. Vê-se que está já adaptado para a vida na selva e as suas condições. É muito prático. Fabrica uma arma só de cortiça lisa dum arbusto e de espinho de palmeira molhada no esperma de sapo. Com um sopro acertou a árvore, explicando que se a intenção fosse acertar a serpente no braço do escritor, ele teria acertado, mas ele queria acertar aquela serpente⁴⁹. Assim, através este personagem o autor mostra a importância e a superioridade da natureza. Por outro lado, também o índio já vive de uma maneira diferente. Apesar de ser apresentar a natureza como um lugar perfeito, no palco cantar sobre as virtudes da natureza selvagem, e sublinhar a sua importância e a diferença entre a convivência simples com a natureza ao contrário da vida nas cidades grandes, veste-se como um índio americano, bebe

⁴⁸ Cf. José Eduardo Agualusa, *A Educação sentimental dos pássaros*, op. cit., p.35.

⁴⁹ Cf. Idem, *ibidem*.

coca-cola e ao fim das contas, serve dos turistas da cidade. Assim, provoca uns sentimentos misturados.

O primeiro escritor é um jovem rebelde com o aspeto físico de um morto. Tem a pele muito pálida e a sua cara é magra com olheiras profundas. A interessante marca destacada é a sua tatuagem: uma serpente mordendo um coração no seu braço esquerdo. A serpente é o símbolo místico, mas sempre relacionado com os maus sentimentos, a morte ou a escuridão. Talvez por isso percebia mais a escuridão do que o outro e sempre volta a pensar sobre os mortos.

O segundo escritor é mais velho, mas graças o seu aspeto parece demasiado jovem. Compreendeu mais o índio, talvez por ter mais experiências. Parece mais estudado, porque as suas respostas compõem-se dumas explicações profundas e antropológicas. Assim, vemos, que a natureza é estudada pela sociedade, mas é tratada só como um objeto da examinação.

O momento muito importante chega, quando o índio compara as genitálias dos botos com as das mulheres⁵⁰. O primeiro escritor não compreende esta declaração, e por isso pede a explicação do segundo escritor. Ele lhe contesta: “Os pescadores [...] matam os machos porque rasgam as redes para roubar peixe. Capturam as fêmeas para as violar.”⁵¹.

O conto mostra a ação negativa da civilização e do homem na natureza e nas culturas primitivas. O índio representa os nativos, cuja cultura e estilo de vida têm sido destruídos pelo homem civilizado ao longo dos séculos. A frase do segundo escritor sobre os botos pode aludir à atitude do homem branco com o indígena: os homens índios são mortos e as mulheres são capturadas para o prazer dos brancos. Todo o conto é uma exaltação da natureza como o espaço mais puro, até a chegada do homem branco que destruiu as vidas tranquilas dos nativos, dos animais e de toda a natureza. E agora, ao homem branco resta só assustar-se dos rios cheios de mortos e a da escuridão da natureza, sem dar-se-conta que é ele a a serpente mordendo os corações inocentes.

6.6 “Filosofia de elevador”

O conto “Filosofia de elevador” foi publicado na revista *Pública* e também na coletânea dos melhores contos do autor, *Catálogo de luzes* (2013). O conto fala sobre a vida no circo,

⁵⁰ José Eduardo Agualusa, *A Educação sentimental dos pássaros*, op. cit., p.35.

⁵¹ Idem, *ibidem*.

que, como averiguamos ao fim, não se distingue tanto da vida real. Antes pelo contrário, as vidas apresentadas no conto, tanto no circo quanto na realidade, são quase iguais.

O conto é narrado em primeira pessoa pelo protagonista-narrador, que trabalha na atualidade como ascensorista. Ele lembra a sua vida passada no circo: ele nasceu no circo, onde trabalhou por quarenta e cinco anos. A sua carreira começou com o trabalho de assistente de Infalível Barba Riuva, que era atirador de facas. Depois, o mágico Assombroso Mandrake ensinou-lhe o ofício de circo e deu ao protagonista o seu primeiro apelido – Incrível Aladino. Assim começou a sua carreira profissional de engolir todos os objetos. Engolia espadas, fogos, cacos ou arames farpados. Depois de algum tempo queria melhorar e inovar o seu número durante a performance, mas depois de umas dores enormes ele averiguou que tinha uma úlcera no estômago. Assim, deixou o circo e começou a trabalhar como um ascensorista, ou seja, o homem encarregado de manejar o elevador. Durante a obra o protagonista apresenta-se como uma pessoa muito prática com um pensamento racional e económico: leva a sua mãe ao hospital quando fica doente; apoia a troca de leões pelos cameleões, feita por um domador no circo, por causa de menores custos em alimentação e transporte dos animais; e proclama que tudo é possível se se pratica com frequência. Quando começa a trabalhar como ascensorista, encontra-se no centro de conversas de muitas pessoas, mas fica todo tempo invisível e, depois de eles saírem do elevador, ele é logo esquecido.

O protagonista apresenta-nos um pouco cada personagem do circo. A sua mãe, Prodigiosa Mulher-Cobra, era contorcionista que sofria de uma extrema osteoporose. O seu pai, chamado Alegre Narizinho, abandonou-lhes quando o protagonista tinha nove anos, por causa de um amor louco pelo Admirável Jean-Pierre, que era funâmbulo - o bailarino na corda. Depois de fugir da sua família, ele obteve o apelido de Palhaço Pobre. Uma das personagens mais importantes é o já mencionado mágico Assombroso Mandrake. O protagonista descreve-o como um senhor de “sorriso radioso”⁵². O seu número artístico baseava-se no desaparecimento numa caixa e no aparecimento em outra. Mas um dia, ele entrou na primeira caixa e desapareceu com o seu tigre para sempre. Apareceu só num sonho de protagonista navegando através das estrelas sorrindo e dizendo: “As estrelas são o derradeiro caminho dos multívagos.”⁵³. Belíssima Pocahontas era uma moça do circo que tentava encontrar o mágico desaparecido, mas não teve sucesso. E a última personagem que entra na obra é o “homem-mais-magro-do-mundo”⁵⁴.

⁵² José Eduardo Agualusa, *A Educação sentimental dos pássaros*, op. cit., p.39.

⁵³ Idem, *ibidem*.

⁵⁴ Idem, *ibidem*.

No conto apresentam-se todas estas personagens que representam diferentes tipos de pessoas que diariamente encontramos nas ruas. Como enumera o protagonista, temos palhaços ricos e pobres, domadores de feras quais querem dominar os demais e usam diferentes meios artificiais e exagerados para assustar a gente, mas no fim acabam de ser eles os mais assustados basicamente de nada. Temos os equilibristas e os contorcionistas. Também temos as pessoas que estão capazes de fazer algo grande do nada, através do seu talento e esforço, e os outros que lhes roubam os frutos do seu trabalho e desaparecem para sempre.⁵⁵

As nossas vidas são como a viagem no elevador. Num momento estamos no alto, e um segundo depois já abaixo. Como o protagonista diz, algumas vezes podemos sentir-nos tristes, pessimistas, e passamos dos “ascêncios” aos “descêncios”⁵⁶, mas ao fim vamos lembrar-nos só dos tempos bonitos, porque a amargura sempre vai sair.

A principal ideia e a interpretação do conto está expressa no fim pelo próprio narrador. Todo o circo é uma metáfora do mundo. Assistindo a alguma performance do circo, sabemos que detrás da sua perfeição há um trabalho enorme, duro e muitas vezes doloroso. Só o riso serve para aguentar a dureza da vida. Isso mesmo nos diz o protagonista no último parágrafo: “A gente aprende a rir. Aprende a rir para combater a dor.”⁵⁷ Nas nossas vidas muitas vezes temos de aprender a suportar o sofrimento com o objeto de poder desfrutar depois de um momento de alegria.

6.7 “O quarto anjo”

O conto foi publicado pela primeira vez nas páginas da revista *Pública*. Além de *A educação sentimental dos pássaros*, o conto encontra-se também na coletânea dos melhores contos de Agualusa intitulada *Catálogo de luzes* (2013). O conto narra uma história de quatro anjos, que obtêm de Deus um par de asas poderosas com o objetivo de construir uma fé forte e absoluta nas suas habilidades e de conseguirem voar até depois de tirarem as asas.

A história, narrada pelo narrador onisciente em terceira pessoa, ocorre no Céu durante algum tempo não exatamente referido. Então nos situamos no contexto do Bem, e todo o espaço é associado ao mundo lusófono, porque é destacada a língua portuguesa e os flamingos que se encontram em África. Além disso, temos no conto a referência ao conhecido ditado popular

⁵⁵ José Eduardo Agualusa, *A Educação sentimental dos pássaros*, op. cit., p.40.

⁵⁶ Cf. Idem, *ibidem*, p.39.

⁵⁷ Idem, *ibidem*, p.40.

brasileiro “Deus é brasileiro⁵⁸”, retratado em várias obras artísticas, como por exemplo, o conto “Um santo que não acreditava em Deus” de João Ubaldo Ribeiro.

No que se refere às personagens, temos cinco sujeitos - quatro anjos e Deus -, que são puros representantes do mundo de Bem. O único ser vivo mencionado além dos anjos e Deus, são os pássaros. Todas as personagens podemos ser consideradas como principais. A diferença é que Deus atua no conto durante toda a história, os anjos são apresentados e desaparecem do conto um após o outro. Deus é muito importante porque é o criador dos anjos, que são elementos essenciais para o entendimento da lição moral do conto. Ele queria criar anjos bem-educados e obedientes, com uma fé forte. Além disso, Deus é a única pessoa que expressa os seus sentimentos. Com o primeiro anjo enfada-se, com o segundo compadece-se, com o terceiro fica desgostoso e triste e precisa de um tempo para se recuperar. Com o quarto fica muito alegre e entusiástico. Paradoxalmente, com isso, Deus se acerca mais à natureza das pessoas apesar de ser o criador do mundo.

Os quatro anjos representam quatro diferentes tipos de personagens, no que se refere à questão da obediência e fé. Todos os anjos são criados por Deus e todos têm a oportunidade de aprender a voar com as asas que Deus lhes deu. Apesar de o primeiro anjo aprender a voar razoavelmente bem, parecendo “nem águia nem galinha”⁵⁹, não conseguiu o seu objetivo. Quando Deus lhe pediu para tirar as asas e voar, ele, mal-educado, respondeu: “E eu lá sou doido, ó Deus?! Tiro porra nenhuma!”⁶⁰ Acabou por ser descriado por Deus. Neste anjo vê-se perfeitamente que a habilidade não é a única coisa da qual precisamos. O que lhe faltava era a educação, a obediência e a fé, que era o essencial, pelo menos nos olhos de Deus.

O segundo anjo foi, segundo a descrição do narrador, “muitíssimo anjo”⁶¹, ou seja, um anjo aparentemente de exemplo. Era um anjo com os aspetos físicos típicos para os anjos. Era também mais hábil. Aprendia a voar rapidamente e de maneira original, “que deixava os pássaros envergonhados”.⁶² Era muito humilde e quando lhe Deus pediu para voar sem asas, recusou de maneira muito educada. Assim Deus deixou-o e o anjo pintou as suas asas de cor-de-rosa e juntou-se com flamingos.

O terceiro anjo era o mais impávido e prático de todos. Não falava muito, mas as suas habilidades de voar eram quase perfeitas. Depois do pedido de Deus, ele não respondeu nada e

⁵⁸ José Eduardo Agualusa, *A Educação sentimental dos pássaros*, op. cit., p.42.

⁵⁹ Idem, *ibidem*.

⁶⁰ Idem, *ibidem*.

⁶¹ Idem, *ibidem*.

⁶² Idem, *ibidem*.

saltou ao abismo, caiu e morreu. Depois deste fim trágico, Deus chegou a compreender que a sua fé não foi colocada no objetivo – em voar, mas apenas no instrumento - nas asas.

O quarto anjo era mais simples e mais alegre, aproveitava a vida para dançar e cantar. Para voar não foi o melhor, mas ele único usou o esforço da sua fé, imaginou as suas asas próprias, conseguiu descolar-se da terra e voar. Este quarto anjo tornou-se um exemplo para outros anjos criados por Deus que o seguiram. Com o sucesso do quarto anjo, após muito tempo Deus finalmente teve a razão para alegrar-se. Alguns anjos das suas legiões foram capazes de seguir o exemplo do quarto anjo, mas não todos.

A lição primária deste conto é que devemos ter fé nos nossos objetivos. O objetivo de Deus era que os anjos focalizassem a sua fé na habilidade de voar e não apenas no instrumento, ou seja, nas asas. O meio da ação de voar não eram as asas, mas a mente. Nisso vê-se um certo paralelismo com a atualidade: as pessoas que têm fé em si mesmas conseguem atingir os seus objetivos da vida mais facilmente que os outros. As pessoas sem fé não têm êxito.

Mas além disso, podemos encontrar dentro do conto ainda outras ideias. Enquanto o quarto anjo é o mais bem-sucedido, o narrador diz-nos que este anjo passeia entre nós como um observador, como “um agente secreto”⁶³. Mas o seu destino não é apresentado como um grande sucesso, porque ele é “um observador num campo de batalha”⁶⁴, ou seja, no mundo onde vive o homem. A última frase do conto é: “Provavelmente o anjo número dois é mais feliz.”⁶⁵. O segundo anjo, que não conseguiu o objetivo principal, isso é voar, é o único que conseguiu levar uma vida livre, à sua maneira, juntando-se a uma “nuvem de flamingos”⁶⁶, perdida em África. Ele vive como um anjo, voando, rindo e livre, enquanto o quarto vive num espaço não muito alegre e pacífico. Então além do motivo principal que é a fé em si próprio, o autor parece exprimir a ideia de que o objetivo da vida não é ter sucesso, apegar-se aos detalhes sem sentido e viver segundo os outros. O principal objetivo das nossas vidas deveria ser estarmos alegres e vivermos a vida que desejamos.

⁶³ José Eduardo Agualusa, *A Educação sentimental dos pássaros*, op. cit., p.42.

⁶⁴ Idem, *ibidem*, p.43.

⁶⁵ Idem, *ibidem*.

⁶⁶ Idem, *ibidem*, p.42.

6.8 “A última fronteira”

O conto intitulado “A última fronteira” é o único do livro que foi pela primeira vez lançado na revista brasileira intitulada *Bravo*. O conto mostra-nos a fina fronteira entre a realidade e os sonhos. Este conto é um dos mais fantásticos, ou melhor dito alegóricos, do livro.

O título do conto, “A última fronteira”, alude ao lugar onde se situa a história: encontramos-nos na fronteira celestial, onde vão todas as pessoas depois da morte. Então o espaço da história é a porta celestial do Céu. O tempo não é referido explicitamente, mas compreende-se que se trata do momento depois da morte.

Neste conto, narrado em terceira pessoa por um narrador onisciente, temos duas personagens principais - o polícia e o anjo. O anjo muito branco e com um par de asas enormes trabalha na guarita na última fronteira. Destaca-se a sua linguagem muito nobre, que é comparada no conto com a linguagem alta de Shakespeare. Ele expressa os seus sentimentos através da mímica e dos gestos, mas a sua atitude é muito profissional.

A segunda personagem principal foi, durante a sua vida, um polícia de fronteiras. Quando desperta, encontra-se na fila de muita gente numa fronteira. Por causa do seu trabalho foi natural para ele encontrar-se na fronteira, mas quando percebe que não está na guarita, mas na fila da gente à espera, acha que está a sonhar. Não gosta nada deste sonho. Parece-lhe muito estúpido, por isso o comenta com as palavras “Que merda de sonho!”⁶⁷. A maior atenção da sua personalidade chama-a a sua sensação de superioridade. A sua expressão é muito grosseira. É o único na fila com um vocabulário vulgar, criticando todas as pessoas presentes. Sobre a gente na fila diz que é “maldita restante escumalha”⁶⁸, ao anjo chama-lhe de um drogado e soberbamente comenta o seu trabalho, dizendo que ele o faria melhor⁶⁹. Apesar de que num momento se desculpe pela sua rudeza, explicando que é causada pela dor de fígado e pelo grande cansaço, durante quase toda a obra sentimos o seu forte desprezo pelos outros.

O momento de mudança chega com as palavras do anjo, dizendo ao polícia que o seu sofrimento pertence ao passado, agora ele já não vai sofrer mais.⁷⁰ O polícia quer acordar-se, descrevendo o seu sonho como um horror. Mas depois de abrir os olhos, vê tudo mais claro, mais verosímil. Ao chegar este momento limítrofe, percebe que nunca vai acordar, é morto. Depois de averiguar a realidade, muda o seu pensamento e comportamento e chega o primeiro

⁶⁷ José Eduardo Agualusa, *A Educação sentimental dos pássaros*, op. cit., p.44.

⁶⁸ Idem, *ibidem*.

⁶⁹ Cf. idem, *ibidem*.

⁷⁰ Cf. idem, *ibidem*, p.45.

momento da tristeza e da necessidade de chorar. Apesar disso, quando o anjo exorta-o para mostrar os seus sentimentos (em vez de documentos) na porta do Céu, o polícia fica em silêncio a olhar para o anjo. Por não mostrar os sentimentos, o anjo não o deixa passar.

O que se destaca neste conto parece ser a passagem do tempo. Teríamos de respeitar, apreciar e disfrutar todo o que podemos na vida quando ainda temos tempo. O polícia estava todo o tempo a queixar-se dos outros, do trabalho, e finalmente, também do seu próprio sonho, e, ao fim, sente a saudade “das longas filhas no aeroporto, do cheiro a suor, do medo no rosto dos parolos, da pancada seca dos carimbos nos passaportes.”⁷¹ No final todos vamos lembrarnos as coisas bonitas e, afinal de contas, quando sabemos que já não há tempo, vamos estar com saudades de tudo - aquilo bonito e também do que antes nos irritava.

O polícia acaba por ser nomeado “o cavalheiro sem sentimentos”⁷² e é o único que não pode passar a fronteira, enquanto todos os “restantes malditos”⁷³ podem entrar no Céu. Neste final da narrativa encontramos a ideia da necessidade de humildade e de justiça. Temos de estar atentos como tratamos as outras pessoas. O polícia até queixa-se do trabalho do anjo na guarita e diz que se ele estivesse ali, todos seriam repatriados.⁷⁴ Ao fim, porém, ele é o único que não vai subir ao Céu. Se vamos a basear nossas vidas nas coisas materialísticas, nunca vamos alcançar o maior objetivo da vida. O polícia considerou os documentos como mais importantes, mas eles não foram. O mais importante neste mundo são os sentimentos.

⁷¹ José Eduardo Agualusa, *A Educação sentimental dos pássaros*, op. cit., p.44.

⁷² Idem, *Ibidem*.

⁷³ Idem, *Ibidem*.

⁷⁴ Cf. Idem, *Ibidem*.

7 Conclusão

Neste trabalho tentámos analisar narrativas escolhidas do escritor contemporâneo angolano José Eduardo Agualusa. Depois da parte teórica sobre a literatura angolana e a vida e a obra do autor, passámos à apresentação do livro *A educação sentimental dos pássaros* (2011) e à análise literária dos contos escolhidos. Depois de ler e analisar oito dos onze contos do livro, descobrimos algumas tendências que se podem encontrar em todos deles.

Concretamente descobrimos que o traço mais importante e patente é a ênfase na sua mensagem moral. Os contos são em geral curtos, claros e convincentes. Alguns se parecem com os contos de fada, que têm uma evidente lição final. Em outros as mensagens não estão explicitamente expostas no fim da história, a moralidade deles está escondida dentro das histórias, personagens, ambientes e lugares.

Todos os contos abordam a questão do Bem e do Mal, mas cada história fá-lo de maneira diferente. Diferentes tipos de personagens, inseridos em diversas situações, mostram-nos várias maneiras de manifestação do Bem e do Mal. O autor não se limita só ao mundo real, mas viaja por vários ambientes fantásticos. A ideia do Bem é sublinhada com as personagens mais prototípicas – os anjos e Deus. Através das personagens inspiradas na vida real, vemos como o Bem e o Mal se movem entre todos nós, que os portadores do Bem ou do Mal somos nós mesmos.

Acreditamos que temos conseguido o objetivo de não só aproximar ao leitor checo a obra de José Eduardo Agualusa, mas também de esclarecer a mensagem contida nos contos escolhidos. Esperamos que a análise feita neste trabalho pode servir como uma introdução na evolução da literatura angolana e sobretudo na obra de um dos autores mais importantes da literatura angolana contemporânea, que é ainda pouco conhecido na República Checa.

Resumo em eslovaco

Táto bakalárska práca sa zameriava na analýzu poviedkovej knihy *A educação sentimental dos pássaros* (2011) angolského súčasného spisovateľa Josého Eduarda Agualusy. Práca je rozdelená na tri časti. Prvé dve sú teoretické. V prvej časti sa práca zaoberá rozvojom angolskej literatúry od jej počiatkov až po generáciu Josého Eduarda Agualusy a v druhej časti sa venuje životu autora, jeho dielam a všeobecným charakteristikám jeho tvorby. Tretia časť je praktická, ktorá predstavuje samotnú knihu *A educação sentimental dos pássaros* a jej vybrané poviedky, ktoré následne analyzuje a interpretuje.

Resumo em inglês

This thesis focuses on analysis of the book of novels by contemporary Angolan writer Jose Eduardo Agualusa - *A educação sentimental dos pássaros* (2011). This work has been divided into three sections the first two of which are theoretical. The first section looks at development of Angolan literature from its onset up to the literary generation represented by José Eduardo Agualusa. This is followed by the section focusing on the author's life, his literary work and its general characteristics. The final section of the thesis presents practical analysis and interpretation of selected novels from the book *A educação sentimental dos pássaros* itself.

Bibliografia

Livros

- Agualusa, José Eduardo. *A educação sentimental dos pássaros*, Lisboa: Dom Quixote, 2011
- Agualusa, José Eduardo. *Catálogo delluzes*, Rio de Janeiro: Gryphus, 2013
- Laranjeira, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, Lisboa: Universidade aberta, 1995
- Ervedosa, Carlos. *A literatura angolana*, Lisboa: Jornal SOL, 2015
- Leite, Ana Mafalda. *Oralidades & escritas nas literaturas africanas*, Lisboa: Edições Colibri, 2014
- Leite, Ana Mafalda. *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*, 2.a edição, Lisboa: Edições Colibri, 2013
- Ferreira, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, 1.a edição, Lisboa: Bertrand, 1977
- Costa Rosário, Lourenço Joaquim da. *A narrativa africana de expressão oral: transcrita em português*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1989
- Rozário, Denise. *Palavra de poeta*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999
- Laranjeira, Pires. *De letra em riste*, Porto: Edições Afrontamentos, 1992
- Mata, Inocência. *Literatura angolana: silêncios e falas de uma voz inquieta*, Lisboa: Mar Além, 2001

Teses

- Silva, Maurício. *História e identidade na ficção de José Eduardo Agualusa*, São Paulo: Universidade Nove de Julho, 2015
- Silva, Maurício. *Angola e sua literatura: uma introdução à prosa de ficção angolana lusófona*, São Paulo: Universidade Nove de Julho, 2010
- Silva, Maurício. *Introdução à prosa de ficção na africana lusófona (Angola, Moçambique e Cabo Verde)*. *Revelle – Revista de Estudos Literários da UEMS*, v. 2, n. 3, Mato Grosso, 2011

- Špánková, Silvie. *O conceito da crioulidade na obra de José E. Agualusa*, Brno: Masarykova univerzita, 2015, disponível em: <https://is.muni.cz/th/i8pos/DP.pdf> (acesso 10.06.2019)
- Sobrinho, João Marcos Dadico. *A metaficção historiográfica em Teoria geral do esquecimento de José Eduardo Agualusa*“, Dourados, 2015

Páginas web

- Pepetela. “Algumas questões sobre a literatura angolana”, *União dos escritores angolanos*. Disponível em: <https://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/122-algumas-quest%C3%B5es-sobre-a-literatura-angolana> (acesso em 03.04.2019)
- Assis, Licínio Menezes de. “Notas para uma história da literatura angolana“, *Geledés*, 2 de agosto 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/notas-para-uma-historia-da-literatura-angolana/> (acesso 03.04.2019)
- União dos Escritores Angolanos. Disponível em: <http://www.ueangola.com/quem-somos>, 2015, (acesso em 23.04.2019)
- *Obra* de José Eduardo Agualusa. Disponível em: <https://www.agualusa.pt/cat.php?catid=28> (acesso 23.04.2019)
- Domus, Lalma. „A Educação dos Pássaros | José Eduardo Agualusa“, *Deus me livro*, 13 de novembro 2018. Disponível em: <http://deusmelivro.com/mil-folhas/a-educacao-sentimental-dos-passaros-jose-eduardo-agualusa-13-11-2018/> (acesso em 21.05.2019)
- Moreira, Márcia / A Tarde. “José Eduardo Agualusa: Não tenho a menor intenção de morrer”, *Fronteiras de pensamento* 26 de julho .2018. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/entrevistas/jose-eduardo-agualusa-nao-tenho-a-menor-intencao-de-morrer> (acesso 10.05.2019)
- “José Eduardo Agualusa: A voz da literatura angolana”, *Estante*, 19 de maio 2017. Disponível em: <http://www.revistaestante.fnac.pt/biografia-jose-eduardo-agualusa/> (acesso em 10.05.2019)
- Weissová, Lada. “Agualusa, José Eduardo”, *iLiteratura.cz*, 23 de marzo 2006. Disponível em: <http://www.iliteratura.cz/Clanek/18859/agualusa-jose-eduardo> (acesso 20.05.2019)

- Mota Ribeiro, Anabela e Manso, Miguel. “José Eduardo Agualusa, Mia Couto: A graça que o mundo tem”, *Público*, 8 de junho 2014. Disponível em: <https://www.publico.pt/2014/06/08/culturaipsilon/noticia/a-graca-que-o-mundo-tem-1638869> (acesso em 23.04.2019)
- Prazeres, Oliveira. “Travessia de identidades na escrita de José Eduardo Agualusa”, *Palavra & arte*, 29 de maio 2018. Disponível em: <http://palavraearte.co.ao/travessia-de-identidades-na-escrita-de-jose-eduardo-agualusa/> (acesso em 24.04.2019)

Dicionários

- *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, 2018. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org> (acesso em 10.06.2019)

Anotação em português

Autor:	Romana Chovancová
Faculdade e Departamento:	Faculdade de letras, Departamento das línguas românicas
Título da tese:	À procura das moralidades em contos escolhidos do livro <i>A educação sentimental dos pássaros</i> de José Eduardo Agualusa
Orientador da tese:	PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.
Número de caracteres:	85 722
Número de anexos:	0
Número de referências bibliográficas:	27
Palavras-chaves:	Angola, José Eduardo Agualusa, A educação sentimental pássaros, África, análise, literatura angolana, literatura africana lusófona
Caraterização breve da tese:	Esta tese de licenciatura ocupa-se com o desenvolvimento da literatura angolana, com a vida e a obra do autor angolano José Eduardo Agualusa e analisa o livro <i>A educação sentimental dos pássaros</i> .

Abstract in English

Author:	Romana Chovancová
Faculty and Department:	Faculty of art, Department of romance languages
Title of the thesis:	In the search of morality in the short stories chosen from a book <i>A educação sentimental dos pássaros</i> written by José Eduardo Agualusa
Supervisor:	PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.
Number of characters:	85 722
Number of appendices:	0
Number of bibliographical references:	27
Key Words:	Angola, José Eduardo Agualusa, Africa, A educação sentimental dos pássaros, analysis, Angolan Literature, literature of the Portuguese Language space
Short characteristic of thesis:	This thesis focuses on development of the Angolan literature, on biography and works of an Angolan author José Eduardo Agualusa and on analysis of the book <i>A educação sentimental dos pássaros</i> .